

COMPREENDENDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: SIGNIFICADOS SEGUNDO MULHERES VÍTIMAS DE AGRESSÃO

Leonora Rezende PACHECO¹
Marcelo MEDEIROS²

Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Enfermagem - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Apoio: bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

- 1- Enfermeira, mestranda FEN-UFG, lerezende@hotmail.com
- 2- Orientador FEN-UFG

Palavras-chave: violência doméstica, saúde da mulher, enfermagem

INTRODUÇÃO

A violência exercida contra a mulher é um fenômeno universal que persiste em todos os países do mundo. As vítimas dessa violência conhecem, frequentemente, bem seus autores. A violência doméstica, em particular, continua sendo terrivelmente comum e é aceita como normal em várias sociedades do mundo (OMS, 2005).

Segundo Higa *et al.* (2008), no Brasil a violência contra a mulher constitui um sério problema de Saúde Pública por ser uma das principais causas de morbidade e mortalidade feminina. Ao se tornar um problema para a saúde pública, a violência contra a mulher se liga ao setor saúde e conseqüentemente à Enfermagem em todos os seus aspectos: científicos, assistenciais e de ensino.

Com vistas a oferecer contribuições para o estabelecimento de ações e/ou políticas de atendimento em saúde à mulher vítima de violência doméstica, estabelecemos para este estudo os seguintes objetivos: Compreender os significados de violência doméstica na perspectiva de mulheres que vivenciaram agressão e que estão abrigadas em uma instituição não-governamental; Analisar o significado de saúde para mulheres vítimas de agressão e que estejam abrigadas em uma instituição não-governamental; Identificar os fatores que contribuem para as mulheres abrigadas em uma instituição não-governamental e vítimas de violência doméstica para romper com a situação (original) de violência.

Partindo do princípio de que a compreensão da violência não está restrita ao campo biológico, mas também à sua dimensão social e cultural, busco uma abordagem intersetorial e interdisciplinar com a antropologia e elementos na literatura que trouxesse maiores esclarecimentos e sustentação para a análise do material que será coletado na pesquisa. Para tanto, a discussão da violência

doméstica contra a mulher terá como categorias analíticas gênero, violência doméstica e a construção cultural da violência doméstica.

Gênero

O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas "desnaturalizadoras" sob as quais se davam, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos (RODRIGUES, 2005).

Nesta pesquisa ao abordar a temática da violência doméstica contra a mulher foi adotada a categoria analítica Gênero como uma forma de indicar construções culturais - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados a homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais e culturais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social e cultural imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995).

Kronbauer & Meneghel (2005) afirmam que gênero é um conceito cultural vinculado à forma como a sociedade constrói as diferenças sexuais, atribuindo status diferente a homens e mulheres. Ainda para estes autores a palavra sexo designa apenas a caracterização anátomo-fisiológica das pessoas, enquanto gênero se refere à dimensão social da sexualidade humana.

Violência doméstica

A Convenção de Belém do Pará (1994) compreende violência contra a mulher como qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público ou privado: ocorrida no âmbito da família ou unidade doméstica ou em qualquer relação interpessoal, quer o agressor compartilhe, tenha compartilhado ou não a sua residência.

A violência doméstica representa toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família (SALIBA *et al.*, 2007). Neste trabalho o membro familiar considerado é a mulher.

O Ministério da Saúde (1993) define a violência doméstica contra a mulher como as variadas formas de violência interpessoal (agressão física, abuso sexual, abuso psicológico e negligência) que ocorrem dentro da família, sendo perpetrada

por um agressor (que possui laços de parentesco, familiares ou conjugais) em condições de superioridade (física, etária, social, psíquica e/ou hierárquica) acometidas a mulher.

A dinâmica da violência conjugal geralmente revela um processo cíclico, relacional e progressivo. Walker (1999) estudou o Ciclo da Violência doméstica contra a mulher e propôs que este é constituído por três fases: Construção da Tensão, Tensão Máxima e Lua-de-mel.

Não há um consenso para a melhor denominação da violência contra a mulher, por isso existem várias formas de denominá-la: violência de gênero, violência doméstica, violência familiar e violência conjugal. No entanto todas concordam ao destacar os tipos de violência imbricados na violência contra a mulher: violência sexual, violência física, violência psicológica, violência social.

Construção cultural da violência doméstica

A história individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de formas e de medida condicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração (BENEDICT, 2005). Para esta autora a cultura determina o comportamento do homem e este age de acordo com o aprendizado adquirido. Na relação entre homem/mulher o aprendizado adquirido é androcêntrico, com a transmissão de geração para geração da superioridade do homem sobre a mulher, tornando-se esta neutra e legitimada.

Alterar a concepção cultural de dominação masculina e naturalização/permissão da violência doméstica contra mulheres não é um processo fácil por isso cabe ao profissional de saúde orientar essas mulheres agredidas e fazê-las perceber que a situação de violência não é “normal” e que já existe uma rede de apoio para ajudá-la a sair desse ciclo de violência.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o alcance dos objetivos propostos, elegemos a Pesquisa Social Estratégica em uma abordagem qualitativa como princípio metodológico deste estudo. A pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador a possibilidade de captar a maneira pela qual os indivíduos pensam e reagem frente às questões focalizadas (PRAÇA & MERIGUI, 2003).

Os dados estão sendo coletados em uma Organização Não Governamental (ONG) do município de Goiânia – Goiás, por meio de três estratégias de coleta de dados: entrevista semi-estruturada, observação do campo e imagens fotográficas.

A análise e a interpretação dos dados coletados dar-se-ão por meio do método de interpretação de sentidos proposta por Gomes *et al.* (2005).

Este trabalho é norteado pelos aspectos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Foi submetido juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao Comitê de Pesquisa Humana e Animal do HC/UFG e foi aprovado sob o protocolo de nº182/2010.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na observação do campo, o pesquisador pode coletar dados que não são ditos, mas podem ser vistos e captados mediante observação atenta (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2008). Desde o mês de agosto de 2010 são realizadas visitas semanais com duração aproximadamente de 60 (sessenta) minutos na ONG, para participar do cenário cultural das mulheres e para estabelecer vínculo com as participantes do estudo.

Foram realizadas entrevistas individuais com cinco (05) mulheres, a entrevista individual foi escolhida pois oferecia as mulheres maior privacidade para falar da sua experiência de violência. Vale ressaltar que o vínculo estabelecido anteriormente entre a pesquisadora e as mulheres através da observação do campo foram essenciais para uma entrevista de qualidade. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora.

As imagens fotográficas foram coletadas através do empréstimo de máquinas fotográficas descartáveis, com filme colorido de 27 poses com *flash* embutido, a quatro (04) mulheres, houve uma recusa, por três (03) dias para que elas mesmas possam registrar imagens que signifiquem a vivência da violência doméstica. A revelação das fotos ocorreu após o término da experiência de cada mulher com a máquina fotográfica. As imagens reveladas foram apresentadas às informantes para que apreciassem e comentassem cada foto. Essa técnica possibilita a livre escolha de imagens, expressando idéias, sensações sobre suas experiências. Visa, ainda, trabalhar com riqueza de detalhes em profundidade, analisar mais do que será discutido nas entrevistas. As fotografias podem complementar as falas ou ainda representar o “não dito”.

Os dados apontaram as diversas formas de violência: psicológica, física, sexual, verbal e social. Vale destacar nas falas o que contribuiu para as mulheres saírem do ciclo de violência proposto por Walker, como: apoio financeiro, apoio

familiar, amparo das leis e do estado e a vontade de tirar os filhos da situação de violência.

CONCLUSÕES

A violência doméstica contra a mulher exige uma reflexão interdisciplinar e multiprofissional epistemológica, intrínseca e essencial. Ao se lidar com este tema, só se alcançará legitimidade e resolutividade através da argumentação num coro polifônico e dialógico, entre as várias áreas do conhecimento: Saúde, Direito, Antropologia e Sociologia.

A voz dessas mulheres agredidas juntamente com o conhecimento científico dos profissionais e com o amparo legal e social para a violência doméstica certamente possibilita o estabelecimento de estratégias para um atendimento de qualidade, humanizado, resolutivo e combatível da violência doméstica contra a mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Benedict R. Padrões de Cultura. Lisboa: Livros do Brasil; 2005.
- 2- Convenção de Belém do Pará. Organização dos Estados Americanos. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher. Belém/PA (Brasil): Comissão Interamericana de Direitos Humanos; 1994.
- 3- Gomes R, Souza ER, Minayo MCS, Malaquias JV, Silva CFR. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER, organizadora. Avaliação por Triangulação de Métodos: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005.
- 4- Higa R, Mondaca ADCA, Reis MJ, Lopes MHBM. Atendimento à mulher vítima de violência sexual: Protocolo de Assistência de Enfermagem. Rev Esc Enferm. [Internet]. 2008 [cited 2009 jun 26];42(2):377-82. Available from: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/reeusp/v42n2/a22.pdf>.
- 5- Kronbauer JFD, Meneghel SN. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. Rev. Saúde Pública. 2005;39(5):695-701.
- 6- Ministério da Saúde. Violência contra a Criança e o Adolescente. Proposta Preliminar de Prevenção e Assistência à Violência Doméstica. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde; 1993.
- 7- OMS - Organização Mundial de Saúde. Estudo multipaís da OMS sobre a saúde da mulher e da violência doméstica contra a mulher. Suíça: OMS; 2005.
- 8- Praça NS, Merigui MAB. Pesquisa Qualitativa em Enfermagem. In Praça NS, Merigui MAB. Abordagens Teórico-Metodológicas Qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p.1-3.
- 9- Rodrigues C. Butler e a desconstrução do gênero. Rev. Estud. Fem. 2005;13(1):179-183.
- 10- Saliba O, Garbin CAS, Garbin AJI, Dossi AP. Responsabilidade do profissional de saúde sobre a notificação de casos de violência doméstica. Rev Saúde Pública. [Internet]. 2007 [cited 2009 jun 26];41(3):472-7. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102007000300021&lng=en&nrm=iso.
- 11- Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. 1995;20(2):71-99.
- 12- Walker L. The Battered Woman Syndrome. New York: Harper and Row; 1999.